

**Paisagens Literárias de Autoria Negro-Feminina:
Mais um Desafio ao Ensino de Literatura e à Formação de Leitores (as)**

**Literary Landscapes by Black-Female Authors:
Another Challenge to Literature Teaching and the Training of Readers**

Ana Santiago¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: A elaboração de cartografias literárias produzidas por mulheres negras no Brasil² não tem sido uma tarefa fácil aos (às) estudiosos (as) de literaturas, visto que a ‘naturalização’ do gênero dos poetas e romancistas tem uma historiografia, de predominância masculina, imperando a soberania patriarcal. Ainda assim, elas têm cumprido como um devir-revolucionário³ com um árduo labor de (des) silenciar as suas vozes autorais e forjar suas dicções literárias. Suas escritas têm desenhado dobras e trânsitos de uma gramática literária atravessada por temas que se circunscrevem entre tradições, memórias, identidades, histórias, a vida cotidiana e o mundo, sonhos por transformações, vivências e reinvenções do (re) existir. Incluí-las em práticas pedagógicas e no ensino de literatura também não é uma ação sem complexidades e mais desafiante ainda, para elas, é a formação de público-leitor. Neste sentido, este texto aponta os seus textos literários como práticas discursivas marcadas pela constituição da autoria, protagonismos, resistências e empoderamento. Diante disso, este texto objetiva-se sinalizar algumas provocações, desafios e proposições para a inclusão de obras literárias de escritoras negras no ensino de literatura com o intuito de visibilizar seus nomes e obras, bem como colaborar com a formação de público leitor.

Palavras-chaves: Literatura negro-feminina; Ensino; Formação de Leitores (as)

Abstract: The elaboration of literary cartographies produced by black women in Brazil has not been an easy task for literary scholars, since the 'naturalization' of the genre of poets and novelists has a historiography, predominantly male, dominating the patriarchal sovereignty. Even so, they have fulfilled themselves as a revolutionary becoming with an arduous work of (de) silencing their authorial voices and forging their literary diction. His writings have drawn folds and transits of a literary grammar crossed by themes that are circumscribed between traditions, memories, identities, histories, daily life and the world, dreams of transformations, experiences and reinventions of (re) existing. Including them in pedagogical practices and in the teaching of literature is also not an action without complexities and even more challenging, for them, is the formation of an audience-reader. In this sense, this text points out its literary texts as discursive practices marked by the constitution of authorship, protagonisms, resistance and empowerment. Given this, this text aims to signal some provocations, challenges and

¹ Pesquisadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Email: anaritasilva@ufrb.edu.br

² Este texto advém de estudos realizados, no âmbito do doutoramento, sobre autoria feminina negra na Bahia, dos quais derivou o livro *Vozes Literárias de Escritoras Negras* (EDUFB, 2010), de seus desdobramentos e pesquisas posteriores.

³ O sentido de *devir-revolucionário*, apresentado por G. Deleuze (1990), refere-se às possibilidades de se construir práticas de enfrentamento de intolerâncias e respostas para expurgar a vergonha das atrocidades derivadas dos regimes fascistas e nazistas, viabilizando estratégias de se (re) ocupar e acreditar no mundo e em transformações, não mais, tão somente, pela esfera da macropolítica e da tomada do poder, mas também pelas revoluções cotidianas, notabilizadas por meio de atos militantes e de rebeldia no hodierno (micropoder).

propositions for the inclusion of literary works by black writers in the teaching of literature in order to make their names and works visible, as well as collaborate with the formation of a reading public.

Keywords: Black-female literature; Teaching; Training of Readers

Submetido em 26 de março de 2020

Aprovado em 22 de junho de 2020

Algumas Palavras Iniciais

21 de Julho: Passou um senhor e perguntou-me:

- O que escreve?

- Todas as lembranças que pratica os favelados,
estes projetos de gente humana.

(JESUS, 2007, p. 20)

A literatura de autoras negras tem como finalidade, dentre outras, criar discursos poéticos e narrativos que ficcionalizem suas histórias e memórias, seus sonhos e realizações e também, por vezes, os conflitos, sofrimentos e resistências resultantes das experiências do racismo e sexismo, por elas vividas ou presenciadas, conforme já discutido em *Memórias poéticas de autoras negras: Reinvenções de (Re) Existências* (SANTIAGO, 2018). Com as suas sintaxes literárias, elas, inclusive, tecem versos e prosas em que se negociem identidades, valorizam, mobilizam e ou tensionam histórias, ancestralidades e repertórios culturais afro-brasileiros. Além disso, compreendendo a literatura como uma possibilidade de fortalecer a potência da vida, elas inventam narrativas e poemas que entoem cantos às vicissitudes da existência, tais como o nascimento, a vida, a morte e os sentimentos, sensações e inerências associados ao existir – alegrias, dores, (des) amores, (des) ilusões, dissabores, ciúmes, tristezas, esperança etc. –. Para tanto, elas buscam garantir estratégias de escrita, publicações e divulgação de suas produções literárias, a fim de romper com o esquecimento e a não autorização a que, historicamente, se submetem suas vozes e autorias.

As suas tessituras não se configuram por sobreposição àquela elaborada pelos homens. Tampouco são compreendidas, por seu estilo, conteúdo e forma, como expressões de uma suposta natureza ou subjetividade feminino-negra por serem escritas por mulheres negras. Suas temáticas, narratividades, vozes, discursividades e representações são, pois, definidoras de suas escrituras, as quais são tensionadas pelas

vivências socioculturais e as relações de gênero e étnico-raciais, entrecruzadas pelo desejo de palavras literárias emancipatórias e tatuadas por memórias e histórias de si (nós).

A elaboração de cartografias literárias produzidas por mulheres negras no Brasil não tem sido uma tarefa fácil aos (às) estudiosos (as) de literaturas, visto que a ‘naturalização’ do gênero dos poetas e romancistas tem uma historiografia, de predominância masculina, imperando a soberania patriarcal. Ainda assim, elas têm cumprido como um dever-revolucionário, com um árduo labor de (des) silenciar as suas vozes autorais e forjar suas dicções criativas. Suas escritas têm desenhado dobras e trânsitos de uma gramática literária atravessada por temas que se circunscrevem entre tradições, memórias, identidades, histórias, a vida cotidiana e o mundo, sonhos por transformações, vivências e reinvenções do (re) existir.

Incluí-las em práticas pedagógicas e no ensino de literatura também não é uma ação sem complexidades e mais desafiante ainda, para elas, é a formação de público-leitor. Neste sentido, este texto aponta os seus textos literários como práticas discursivas marcadas pela constituição da autoria, protagonismos, resistências e empoderamento. Diante disso, este texto objetiva-se sinalizar algumas provocações, desafios e proposições para a inclusão de obras literárias de escritoras negras no ensino de literatura com o intuito de visibilizar seus nomes e obras, bem como colaborar com a formação de público leitor.

1. Insurgências Literárias de Autoras Negras

5 de Novembro: - Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos.
(JESUS, 2007, p. 117)

O silenciamento, a invisibilidade e o apagamento de vozes literárias compõem o percurso de autoras negras. Ainda assim, as suas dicções literárias têm se configurado como uma gramática literária atravessada por temas que desfilam entre anseios por

transformações e ressignificações de (re) existências⁴ e por fios históricos, imaginários e existenciais que tecem, descontínua e paulatinamente.

Em suas escrituras, elas inventam vozes, modos e motivos de existir e permanecer vivas. Com figuras e universos diferenciadores, quiçá, transgressores, como potências de vida e longe da esfera das representações, marcadas por atributos relacionados à escravização e papéis sociais de subalternidade, exotismo, libido exacerbado, elas criam possibilidades de sentidos de (re) existir e de resistir, entrecruzados pelo Eu e Nós, contrapondo-se, como se apresenta a voz narradora-autoral do *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada* (2007), Carolina Maria de Jesus, às discursividades, demarcações, geografias e práticas que lhes fixam em “lugares” de subjugações, controles e interdições.

2 de Junho: E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal.
(JESUS, 2007, p. 44)

Longe de lugares tempos e estados sólidos e estáveis, entre os múltiplos ditos e desditos que forjam, em seus percursos, elas também ousam apropriar-se da arte da palavra para escrever de si (nós) como oportunidade para (des) dizer, pela linguagem poética, ditos sobre si, bem como modos de (re) existir, logo de instituir-se. É um exercício autoral que pode, inclusive, operacionalizar discursos tidos como verdadeiros ou hegemônicos em probabilidades de reversões de olhares e recriações de si e reinvenções de outras, deslocando-se do território de personagens para autoras. Tal movimento, indubitavelmente, metamorfoseia, não só o transcurso de suas vidas, mas também das trilhas literárias e de auto-narrativas.

Ao visitarmos as obras literárias de autoras negras brasileiras, tais como de Maria Firmina do Reis, Auta de Souza, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Gilka Machado, Beatriz Nascimento, Nivalda Costa, Aline França, Geni Guimarães, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Elizandra Souza, Mel Adún, Rita Santana, Lívia Natália, Jocélia Fonseca, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo, Alzira Rufino, Lia Vieira, Mel Duarte, Jarid Arraes, Lubi Prates, Ana Fátima Cruz dos Santos, Joelma Santos,

⁴ O sentido de (re) existência (SANTIAGO, 2018), aqui atribuído, é relacionado ao assenhoreamento da escrita por autoras negras como modos de reinvenções de existências.

Vânia Melo, Louise Queiroz, Eliane Alves Cruz, Jovina Souza, Louise Queiroz, Vânia Melo, Gonesa Gonçalves, Lidianie Ferreira, Tatiana Nascimento, dentre outras, denotamos o quão ainda é importante apontar o cerceamento de vozes autorais de mulheres negras, bem como as práticas de invisibilidade de suas escrituras em circuitos culturais e literários. Torna-se mais relevante ainda, contudo, compreender as suas sintaxes literárias como potências de vida, ao reverter e mobilizar as significações hegemônicas de si (nós) e, concomitantemente, forjar as narratividades de construção de outras (re) existências e figurar sentidos e dobras de se estar e inventar mundos, caminhos e existências.

As dicções literárias dessas escritoras, pois, apresentam-se comprometidas com mobilizações que promovam outros caminhos e modos de viver, como canta a voz poética de *Percepção de Quereres*, Rita Santana.

Como querer querenças tuas
Se em minhas mãos o meu querer se faz
Flama?
Chaga aberta na pele, pereba sem casca,
Adorno à espera de um carnaval dissoluto.

Labuto com a fêmea cedida
Que apenas deita e abre as pernas.
Sem pungir palavras de pensamento,
Sem pretensão de retraindo a carne com maleitas,
Sem fúria, sem adstringentes pavores.

Como ceder ao teu querer profano macho,
Se tenho sonhado com ânforas
Cheias de perfume do lótus?
Como agachar o rabo molhado
Sobre o teu sexo pontiagudo,
E alado – de ovos exangues?

Como aquiescer, sem que me queime?
(SANTANA, 2016, p. 65)

É preciso viver! Como *cuidado de si*⁵ (FOUCAULT, 1985), a voz poética questiona-se e, a um só tempo, inquire aquele que, supostamente, somente quer ter uma relação de prazer. Necessário se faz mensurar o seu querer diante do *querer profano*

⁵ O *cuidado de si*, para M. Foucault, ao retomar o pensamento de Sócrates e F. Nietzsche, é uma ética que, além do conhecimento de si, consiste em construir modos de autogovernabilidade, autopercepção e autoconhecimento, acompanhados de um conjunto de práticas e dispositivos de existência que o sujeito dá a si mesmo promovendo, segundo sua vontade e desejo, uma forma ou estilo de vida culminando em uma “estética da existência”.

macho que, parece, apenas quer ter o gozo. Ela não abdica do seu desejo de prazer, mas cuida para não se *queimar*. A voz questionadora se quer inteira, protagonista e autônoma do seu querer, por isso luta contra a fêmea que é e quer evidenciar a mulher que se tornara.

Insurgentes e, às vezes, aquilombadas em coletivos, elas giram suas assinaturas e sintaxes poéticas em construção. Inventam-se poetas para (des) dizer de si (nós) e desdizem, poetizar suas existências, seus corpos e inventar lirismos em que se cantam e narram-se (nós).

Autobiografia im)possível

Devo ter mesmo os pés de Água
Devo tê-los herdado quando
ainda sabia onde nasce a Água,

Meus cabelos devem ser de vento
minha pele cheira maresia,
mas sou uma sereia que se afoga,
uma concha que não soube tecer a pérola,
o tempo entrecortado de corais.

Sou mesmo toda feita de silêncios.
(NATÁLIA, 2017, p. 39)

Assenhoradas da palavra, autoras apropriam-se do vivido ou imaginado, tornando-os inefáveis e ficcionalizados, provocando, ora fruição ora desassossegos, poéticos de existências e resistências. Elas também inscrevem e (re) escrevem, em seus versos, recordações e lembranças esparsas e aleatórias, inventando memórias, igualmente, anacrônicas, pessoais e coletivas, esgarçando e diluindo fronteiras entre os eu (s) autoral, real e o ficcional como narra cantando de *Biografia do meu Cabelo*, de Jovina Souza.

Meu cabelo é duro, levantado.
Meu cabelo é duro, empinado.
não molha com pouca água,
não fica domesticado.
Quando parece macio
insurge-se,
espetando pra todo lado,
e, aos relatos brasileiros,
acrescenta outros dados.

Veio na cabeça de reis, rainhas

e de toda gente preta sabida,
 honrada.
 Trouxe cantos, ciência e filosofias
 tirou riquezas dos rios, da terra e dos mares.

Aquilombou-se para ensinar ao Brasil
 o valor da liberdade
 É o cabelo de negro,
 vem dos tempos imemoráveis,
 morou na cabeça de Zumbi
 Viveu na bravura de Dandara
 Cada fio era uma espada
 no quilombo de Palmares.
 Aprenda, sinhá chapinha,
 Meu cabelo é duro, é duro...
 Não é de ficar calado.
 Não é de ficar preso.
 Tampouco amaciado.
 (SOUZA, 2007, p. 78-79)

O cabelo crespo é um tema muito recorrente na escrita criativa de autoras negras brasileiras e, infelizmente, juntamente com a cor da pele, *uma dupla inseparável*, já nos advertira a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2019), também é, frequentemente, motivo de atos de discriminação e racismos, não só individual, mas também estrutural e institucional. Não são poucas as ocorrências que derivam disso. Talvez (ou indubitavelmente), por isso a palavra literária torna-se um território oportuno e necessário para, em tom denunciador e afirmativo, tecer versos e prosas de valorização dos cabelos crespos como marca da negritude e da estética e identidades negras, mas também de repertórios, histórias e memórias negro-brasileiras, tal como a voz narradora de *A biografia do meu cabelo*.

Conhecer suas escrituras, nesse ínterim, significa reconhecê-las como sintaxes literárias, de aquilombamentos e ressignificações imaginárias e ficcionais, do vivido e do porvir, individual e coletivo, de ancestralidades, histórias, caminhos, sonhos, desejos, mas também desamores, angústias, dores, sofrimentos, advindos de suas insistências e persistências, do ato de existir e desmobilizar supostas verdades e fixidez do seu viver.

2. A Autoria Negro-Feminina: Do (no) Ensino de Literatura à Formação de Leitores (as)

23 de Julho: Quiz saber o que eu escrevia. Eu diss ser o meu diário.
 - Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.

(JESUS, 2007, p. 23)

Apesar da formação de professores (as) leitores (as) não ser o interesse principal deste artigo, necessário se faz acenar para a urgência de *ensinar a ler quem já sabe ler* (CARVALHO; SILVA, 1996), fortalecendo iniciativas afins no âmbito dos planos de formação de professores (as) inicial e permanente ao se refletir sobre o ensino de leitura e a formação de leitores (as). Compreende-se que quaisquer projetos e práticas de ensino de leitura, literatura e de formação de leitores (as) em espaços educacionais terão relevância e eficácia, na medida em que o alvo não sejam tão somente os (as) estudantes, mas todos os sujeitos escolares, incluindo, em especial, os professores (as). Formar leitores (as) da palavra e do mundo, conforme já proposto por Paulo Freire, em *A importância do ato de ler* (1988), deve ser, pois, um dos compromissos de qualquer ação pedagógica.

Indubitavelmente, também não é propósito deste texto, apesar de emergente, discutir as complexidades que perpassam o ensino da arte literária, como um mero conteúdo escolar, o letramento literário na educação básica, a pedagogização, instrumentalização e didatização da literatura, reduzindo a sua potência artística. Esse é outro tema desafiante que incita a, em outro texto, fortalecer o debate sobre as funções sociais do ensino de literatura.

Retomando o foco deste texto, interessa, neste tópico, tecer considerações e, quiçá, algumas provocações e proposições para que o ensino de literatura desenvolva práticas pedagógicas que incluam a textualidade estética de autoria feminina negra do Brasil.

Ao compreendermos a educação como uma instância potente de elaboração e circulação de conhecimento e repertórios socioculturais, havemos de reconhecer como pertinente a inclusão de textos literários de autores (as) negros (as) brasileiros (as) em currículos da educação. Como já se sabe, na tradição literária brasileira, por vezes, transitam narrativas, poéticas e representações que pouco valorizam ou promovem mobilidades socioculturais, figuras, universos e repertórios culturais africanos e afro-brasileiros. Ainda prevalecem, contraria e equivocadamente, traços de africanidades que “[...] são desenhados por marcas de subalternidade, estigmas, preconceitos e inferioridades e assim, às vezes, são “ensinados” em segmentos educacionais, como únicas possibilidades de (re) apresentação e deslocadas de contextos espaços e leituras

diferenciadoras” (SANTIAGO, 2014, p. 31). Ainda circulam, além disso, em espaços escolares, poucos escritores negros e, menos ainda, autoras negras nos conteúdos de ensinamentos de língua portuguesa e literatura e nos projetos didáticos.

Neste contexto, podem-se forjar pistas e estratégias para “apresentar”, qualificadamente, às escolas e incluir nos seus currículos outros textos literários que se contraponham àqueles presentes na literatura brasileira do passado *sobre* o negro ou de folclorização e objetificação de personagens e culturas negras e que se prolongam, infelizmente, ainda em alguns textos contemporâneos. Necessário se faz, inclusive, compor o cotidiano das escolas com obras que desenham territórios literários tecidos por valorizações afirmativas, instigantes, ressignificadoras e sinalizadoras das culturas e histórias afro-brasileiras.

Acrescente-se a isso a necessidade de se proporcionar o acesso ao potencial criativo de autores (as) negros (as) nas escolas; a urgência premente de formação de público leitor de obras produzidas por autores (as) negros (as); e a recorrente emergência de inclusão de textos literários que provoquem os sujeitos escolares a pensar sobre si mesmos (as) e os mundos e realidades que os circundam sob a perspectiva das diversidades e diferenças, racismo, desigualdades e intolerâncias dentre outros temas, que geram, em nosso cotidiano, tantos desconfortos, desassossegos, epistemicídios, exclusões, feminicídios, sofrimentos, negrocídios etc. Urge que o ensino de literatura promova a leitura para a fruição, para aguçar os sonhos, sentimentos, sensações, mas também para pensar. Precisamos forjar projetos de leitura insurgentes!

Ainda sob a esteira de refletir sobre o ensino de literatura no contexto da literatura de autoria negro-feminina, se já é desafiador potencializar a literatura afro-brasileira no cotidiano dos ensinamentos de literatura e ou em práticas pedagógicas de letramento literário, encontramos mais complexidades ainda ao se pensar em propostas educacionais que tornem, minimamente, conhecidos nomes e obras de autoras negras do Brasil. Eis mais um desafio insurgente que desponta no ensino de literatura.

A inclusão da literatura de autoria negro-feminina, no Brasil, nos currículos e práticas pedagógicas, pressupõe, dentre outras ações,

1. A realização de políticas arrojadas e permanentes de aquisição de obras literárias de tais escritoras;

2. A promoção do acesso democrático, equânime, autônomo e qualificado do acervo disponível nos espaços educacionais;
3. A aquisição de materiais audiovisuais de textos e obras dessas autoras;
4. A inclusão de autoras negras do Brasil em atividades de ensino de leitura, projetos didáticos e de letramento literário;
5. A criação de oportunidades de encontros, presenciais e virtuais, dos sujeitos escolares com autoras negras;
6. A inclusão da Literatura afro-brasileira como temáticas relevantes nos planos de formação inicial e permanente de professores (as).
7. A promoção de saraus, festivais e concursos literários, incluindo autoras negras do Brasil;
8. O incentivo à leitura literária livre, autônoma e diversa, com o intuito de formar leitores (as) aptos (as) a escolher os textos e as obras para ampliação de seus repertórios de leitura e dispostos (as) a incluir em suas vidas práticas prazerosas, quando possível, e necessárias de leitura literária, inclusive de textos de autoria negro-feminina do Brasil, reconhecendo-os como um exercício do devir-resistência.

Algumas Considerações (In) Conclusivas

Tessituras literárias de autoria negro-feminina nos permitem compreender e educar para as diversidades e as relações étnico-raciais para valorizar e respeitar as africanidades. Certamente, tornam-se chaves promissoras e contra-hegemônicas de leituras! Neste sentido, elas poderão colaborar com propostas pedagógicas que favoreçam o conhecimento, tensionamentos e valorização das diversidades e diferenças, a ressignificação de culturas afro-brasileiras, bem como a formação de público leitor da literatura produzidas por mulheres negras.

O debate sobre o ensino de literatura, a autoria negro-feminina e a formação de leitores (as) não é novo, mas ainda não foi exaurido nem concluído. Talvez nisso consista alguma pertinência deste texto, por isso essa reflexão precisa ser fortalecida e continuada. Possivelmente, esse é (e será) um dos caminhos para que possamos forjar

outros caminhos possíveis e satisfatórios de ensino de literatura e de divulgação das tessituras literárias de autoras negras que se apresentam como escritas para (re) existir.

Referências

CARVALHO, Marlene; SILVA, Maurício da. Como ensinar a ler a quem já sabe ler. *Ciência hoje*, Vol. 20, No. 119, Agosto 1996.

DELEUZE, G.; NEGRI, Toni. O devir revolucionário e as criações políticas. Entrevista de Gilles Deleuze e Toni Negri. Trad. João H. Costa Vargas. *Novos Estudos CEBRAP*. N. 28, outubro 1990. pp. 67-73.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade III – O Cuidado de Si*. 7. ed. Trad. Maria Teresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortês, 1988.

GOMES, Nilma Lino. *Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra*. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo. Diário de uma Favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

NATÁLIA, Livia. Autobiografia im)possível. In: NATÁLIA, Livia. *Sobejos do Mar*. Salvador: Caramurê Publicações, 2017.

SANTANA, Rita. Percepção de Quereres. In: SANTANA, Rita. *Alforrias*. Ilhéus-BA: Editus, 2016.

SANTIAGO, Ana Rita. Educação e Literatura Afro-brasileira: Tensões e Interações. In: SANTIAGO, Ana Rita; Macedo, Marluce (Org.). *Entre Narrativas e Metáforas: Direitos, Educação e Populações Negras no Brasil*. Cruz das Almas-BA: EDUFRB, 2014.

_____, Ana Rita. Memórias poéticas de autoras negras: Reinvenções de (Re) Existências. *Itinerários*, n. 46, p. 35-50, jan-jun, 2018.

_____, Ana Rita Santiago. (Re) Existências e o Devir Revolucionário na Literatura Negro-Feminina. *Fólio – Revista de Letras*. V.10, n. 2, p. 11-33, jul-dez, 2018.

SOUZA, Jovina. A biografia do cabelo. In: SOUZA, Jovina. *O Caminho das Estações*. Itabuna-BA: Mondrongo, 2018.